

BARBARA O'CONNOR

• Autora do aclamado *Apenas Um Desejo* •

Sonho

Para todos os
que já sonharam
alto... e tiveram
medo de falhar.

A colorful illustration of a young girl with dark hair in a ponytail, wearing a purple striped shirt and light blue shorts, sitting on a wooden bench and playing an acoustic guitar. A beagle dog is sitting on the ground in front of her, looking up at her. The background shows a sunset or sunrise over a field with rolling hills and trees. The sky is painted in soft shades of pink, orange, and blue. There are some papers or sheet music on the ground near the girl's feet.

**BOOK
SMILE**

*Aos meus amores: Tesla, Jane, Aslin,
Oakley, Zane, Sagan e Keagan*

A lavandaria era o último lugar onde eu queria estar a meio de julho. O calor da Carolina do Norte entrava pela rede mosquiteira da porta, sufocante, e juntava-se ao calor das máquinas de secar, embaçando as janelas e deixando toda a gente cansada e maldisposta. Mas ali estava eu, sentada numa cadeira de plástico amarela, limpando o suor da nuca e olhando para aquela mulher de má cara que me observava.

E então ela disse, muito alto, para o miúdo des-penteado que dobrava toalhas a seu lado:

— Esta mora naquela casa grande cheia de ralé, lá em cima, depois da estação dos autocarros.

Ralé? Não sabia o que ela queria dizer, mas não me soou nada bem.

Estaria a referir-se às pessoas que arrendam quartos em minha casa?

Estaria a falar da banda *country* da minha mãe, *Lovey Lovett e os Junkyard Dogs*?

O rapaz parou de dobrar as toalhas e fitou-me, ruminando a sua pastilha muito devagar.

Normalmente, sou muito boa a retribuir olhares, mas houve qualquer coisa naquela palavra, «ralé», que me fez baixar os olhos para o chão de linóleo lascado. Concentrei-me na máquina de secar roupa ao meu lado. Só esperava que o miúdo não visse as minhas cuecas a rodarem lá dentro, no meio das minhas *t-shirts*.

A mulher de má cara continuou a falar como se eu fosse invisível. Mas alguém tinha lavado um monte de sapatilhas e elas faziam tanto barulho dentro da máquina de secar que eu só conseguia ouvir algumas palavras aqui e ali.

— ... anda por aí a cantar com aquele bando de inúteis...

— ... a fazer aquele chinfrim no quintal até tão tarde à noite...

Inclinou-se como se fosse falar ao ouvido do miúdo, mas em vez disso, disse em voz alta:

— A Lovey Lovett pode ser muitas coisas, mas não é nenhuma Dolly Parton.

Aquelas palavras atravessaram o barulho das sapatilhas e atingiram-me com força.

Deitei um olhar gelado à mulher e atirei-lhe os meus pensamentos cortantes.

A minha mãe é melhor do que a Dolly Parton. Um dia, vai ser uma superestrela do country. Vai conseguir fazer aquilo que promete: pôr no mapa a nossa pequena cidade de Colby. Vai tocar guitarra e cantar em cima de um palco, enquanto os holofotes farão cintilar o seu chapéu de cowgirl bordado com pedras brilhantes.

E adivinha o que vai cantar?

As minhas canções, as que eu própria componho no meu pequeno quarto no sótão.

As duas últimas palavras soltaram-se em direção à mulher de má cara.

E pronto!

Abri com força a porta da máquina de secar, enfiei a roupa ainda húmida dentro de uma fronha e saí a passos largos da lavandaria, sem sequer parar para ver se havia moedas na máquina de trocos, como costumo fazer.

Subi a rua com a fronha pendurada ao ombro e a bater-me nas pernas. A raiva enxameava à minha volta como vespas.

Quando cheguei à estação rodoviária, dobrei a esquina e subi até à minha casa, metida entre um terreno baldio cheio de lixo e a casa perfeita dos Tillman, com as suas magnólias perfeitas e os seus vasos de flores perfeitos, na sua varanda perfeita.

A minha casa não é perfeita, mas é a maior de Colby e eu adoro-a. Foi construída pelo meu bisavô há um bilião de anos. Há uma fotografia da casa emoldurada e pendurada no corredor do andar de cima, com o meu bisavô a sorrir, em pé nos degraus da entrada. A minha bisavó está sentada na cadeira de baloiço com um rapazinho sorridente ao seu lado: o meu avô, Clarence Rupert Lovett. Naquela época, as janelas tinham toldos de lona com riscas azuis e vasos de fetos pendurados no alpendre. O jardim da frente tinha um relvado perfeito, há muito substituído por terra vermelha coberta de dentes-de-leão.

Paro muitas vezes a olhar para aquela fotografia, perguntando-me quando terá a chuva deixado o corrimão do alpendre verde de musgo. O que teria acontecido àquelas cortinas de renda na janela, que

agora está tapada com tábuas, porque o vidro se partiu há dois anos? Como era possível que aquela magnólia já fosse só um toco podre quando eu lá brincava em pequena?

A minha casa tem cinco quartos e custa caro pagar o aquecimento, a luz e outras coisas. E parece que há sempre qualquer coisa que é preciso arranjar. Maçanetas que caem e telhas que levantam com o vento e caem no quintal. A caldeira que range na cave e as tábuas podres do piso do alpendre.

Quando eu tinha 5 anos, o meu pai deixou Colby para ir viver com a sua nova família em Chattanooga. A mãe tem andado ocupada a tentar ser uma estrela da música *country*, mas ainda não teve muita sorte. Por isso, em vez de ter tantos quartos vazios, decidi escrever números nas portas com um marcador preto e pôr lá fora uma placa a dizer «QUARTOS PARA ARRENDAR».

— Isto vai trazer-nos algum dinheiro, Idalee — explicou-me ela, apontando para as portas dos quartos. — Mas é só até eu ter a minha grande oportunidade — acrescentou.

As pessoas vão e vêm. Algumas ficam bastante tempo, outras uma ou duas semanas. Algumas são

simpáticas, mas outras são rudes, maldispostas ou nunca me dirigem a palavra. Tem havido pessoas velhas e novas. Pessoas sossegadas e barulhentas. De algumas gostei, de outras não. Uma coisa é certa: a minha casa não é perfeita, mas também não é aborrecida. A casa perfeita dos Tillman parece bastante aborrecida.

Quando me aproximei da casa, vi-a. Junto à caixa de correio.

Uma placa cravada na terra.

QUARTOS PARA ARRENDAR

De repente, a roupa molhada da fronha parecia cimento. Parei e larguei-a no passeio empoeirado.

Bolas! Quem estaria de saída agora?

Suspirei, peguei na fronha de cimento e dirigi-me lentamente para a casa.

2

Quando entrei, a mãe saiu a correr da cozinha, a limpar as mãos num pano, e gritou:

— Idalee! Tenho uma grande notícia!

Pousei a roupa lavada no sofá.

— Que grande notícia?

— Eu e a banda vamos para a estrada! Idalee, temos espetáculos! E vão pagar-nos! Acreditas nisto?

Dei um guincho e abraçámo-nos, alegres.

— Espetáculos! — repeti. — Onde?

— Em todo o lado — respondeu a mãe. — Bom, não em todo o lado. Mas em muitos sítios. O P.J. conseguiu finalmente ajudar-nos.

O P.J. é, supostamente, o empresário da banda, mas a mim parece que passa mais tempo no nosso quintal do que a gerir o que quer que seja.

— Esta pode ser a grande oportunidade por que esperávamos — disse a mãe. — O P.J. diz que inicialmente são só bares e estações de serviço, mas tem a certeza de que, depois disso, conseguirá melhores espetáculos.

— Quando partimos? — perguntei.

A mãe despenteou-me o cabelo.

— Tu não podes ir, querida.

O coração caiu-me aos pés.

— Porque não?

— Idalee. — A mãe pôs-me as mãos nos ombros e olhou-me fixamente nos olhos. — Esta digressão não é para crianças. *Acabei* de te dizer, vamos atuar em bares e estações de serviço. Vamos tocar à noite, até muito tarde. E sabes como são os rapazes da banda. Nem sempre se portam bem.

Sacudiu-me levemente os ombros.

— Além disso — acrescentou —, as aulas começam no próximo mês.

— Quanto tempo vais estar fora?

— Uns meses, talvez — respondeu ela. — Depende de como as coisas correrem, penso eu.

— E o que vou eu fazer? — perguntei.

— Que queres dizer?

— Quero dizer, vou viver aqui sozinha?

— Idalee, esta casa está cheia de gente. — Agitou o pano das mãos sobre os meus joelhos. — E a Sra. Randall vai tomar conta de tudo.

— Incrível — comentei, fazendo uma careta.

— Vá lá, Idalee. Não ficas feliz por mim?

Feliz por ela? Essa é boa. Toda a vida fui a sua fã número um, dizendo-lhe o quanto ela é boa cantora e que um dia virá a ser uma grande estrela.

Pertenço a uma longa linhagem de músicos *country*, que vem desde o meu bisavô e a sua banda, os *Porchside Pickers*. O meu avô, a quem toda a gente chamava Jumbo por ser tão alto, escrevia canções e cantava-as com a sua voz rouca que parecia flutuar na brisa das noites de verão. A minha tia-avó Lola e o marido, Travis, costumavam vir visitar-nos e toda a gente tocava e cantava o dia todo. O meu tio Lefty tocava violino, mas agora trabalha num banco em Tuscaloosa. A mãe até me contou que temos familiares em Opelousas, na Louisiana, que já foram três vezes à televisão.

— Todos os Lovetts têm a música nos genes — diz sempre a mãe.

Eu sou uma Lovett, e tenho música nos genes.

Mas a questão é esta.

Eu não chego aos calcanhares da minha mãe a cantar.

Sei tocar guitarra porque o Jumbo me ensinou. Mas a única guitarra que tenho é a que ele deu à mãe quando ela era pequena, portanto, é bastante antiga. Eu gostava imenso dela quando era mais nova, mas agora sei que não é uma guitarra muito boa. Está toda riscada e tem uma racha na parte de trás. Uma das cravelhas que segura as cordas está partida, por isso, nem consigo afiná-la.

Quando toco com a banda no quintal, todos reclamam do seu péssimo som.

— Caramba, Idalee! — diz sempre um deles. — Quando é que arranjas essa guitarra velha?

Portanto, como aproveito os meus genes musicais? Escrevo canções!

A maioria das canções *country* é sobre namorados infiéis ou bares cheios de fumo. Como não percebo muito desses assuntos, escrevo sobre coisas como baloiços de pneus pendurados em quintais cobertos de erva ou o cheiro do pão da avó.

Acho as minhas canções bastante boas, mas quando as mostro à mãe, ela percorre com os olhos

aquilo que escrevi num bloco de notas amarelo e diz:

— Está muito boa, Idalee. — E devolve-me o bloco.

— Vais cantá-la com a banda? — pergunto-lhe.

E ela responde sempre:

— Idalee, os meus fãs querem que nós toquemos as canções que eles ouvem na rádio. Sabes, para poderem cantar connosco e essas coisas.

Já tentei dizer-lhe que a *Lovey Lovett e os Junkyard Dogs* devia fazer coisas originais e não copiar toda a gente. Mas, mesmo que não cantem as minhas canções agora, aposto que um dia vão cantá-las. Por isso, continuo a escrevê-las nos meus blocos de notas amarelos.

Estava tão tomada pela minha desilusão de não poder ir com a banda, que quase me esquecia da placa do quarto para arrendar.

— Espera aí — digo eu. — Vais arrendar o *teu* quarto?

— Porque não? — responde ela. — Sempre se faz algum dinheiro.

— O Sterling Gillis diz que alguém novo pode perturbar o nosso equilíbrio — explico.

A mãe suspira.

— Oh, por favor, Idalee. Aquele papagaio palerma, o *Rochester*, tem mais juízo do que o Sterling.

O Sterling Gillis arrenda o Quarto 2, no andar de cima, desde o verão passado. Trabalha no supermercado Bi-Lo, na Rua 11. Chama-se a si próprio «rapaz das entregas» apesar de já ser um homem adulto. Tem um papagaio verde e amarelo brilhante chamado *Rochester*, que se empoleira no seu ombro e grita coisas cómicas como «Põe-te a andar, Jack» e «Queres levar um sopapo?» O Sterling deixa o *Rochester* vir para o meu ombro e dar-me bicadinhas no cabelo. Eu dou-lhe *Cheerios* e ele diz-me: «Obrigadinha, fofinha.» Mas, às vezes, o *Rochester* diz um palavrão, e a Sra. Randall, que mora no Quarto 5, lança-lhe um olhar mortal.

— Não dês ouvidos ao Sterling — continua a mãe, quando começo a protestar. — Tenho um pressentimento de que esta vai ser a minha grande oportunidade.

Quando ela disse isto, afastei-me com grandes passadas para o meu quarto no sótão, para amuar.

Mas o meu amuo depressa foi interrompido porque aconteceu uma coisa incrível.

3

O meu quarto é um cantinho minúsculo num dos lados do sótão. A porta não tem maçaneta. Só há um buraco onde enfiámos o dedo para a abrir. Lá dentro, não há muita coisa. Encostada a uma parede, há uma cama estreita com uma colcha de retalhos que alguém da família fez para a mãe quando ela era pequena. Alguns retalhos estão descosidos e veem-se tufos de algodão, mas eu ainda gosto dela.

Ao lado da cama, há uma mesa de jogo com uma cadeira dobrável, onde escrevo a maioria das minhas canções. Junto da mesa de jogo está uma mala de cabedal meio estragada que era do meu avô. Tem umas iniciais douradas de lado: CRL. Clarence Rupert Lovett. Dentro da mala estão todos os meus blocos de notas amarelos cheios de canções.

Por cima da mesa, há uma pequena janela redonda com vista para o nosso jardim da frente e para o terreno baldio ao lado. Às vezes, vejo miúdos a atirar pedras a latas de refrigerantes e até a garrafas no terreno baldio, deixando no chão pedaços de vidro que brilham ao sol da manhã.

De um dos lados da mesa tenho um pequeno candeeiro de latão. Tem um *abat-jour* vermelho com pássaros amarelos e franjas pretas à volta. Este candeeiro é, sem dúvida, a coisa mais bonita que possuo.

Do outro lado da mesa tenho um rádio que recebi no Natal, quando estava no primeiro ano. A minha coisa preferida, além de compor canções, é deitar-me na colcha de retalhos e ouvir música *country* no rádio.

Depois de ter subido até ao sótão a bater com os pés, passando por caixas de papelão e baús cheios de humidade, liguei o rádio e atirei-me para a cama para começar o meu amuo.

Puxei o papel de parede ao lado da minha cama. Nalguns sítios, já lhe tirei duas camadas. A minha camada preferida tem borboletas amarelo-claro a voar num jardim de flores cor-de-rosa.

A minha melhor inspiração para canções surge-me enquanto vou arranhando aquele papel de parede com a unha.

Virei-me de costas e olhei para o teto por cima da minha cama, onde a palavra SONHO está escrita com estrelas que brilham no escuro. Eu pu-las ali para me lembrar sempre do meu sonho: ouvir as minhas canções na rádio, um dia.

E foi então que a tal coisa incrível aconteceu.

O Slim Rawlins, o meu DJ preferido na WZAS, uma estação de música *country* de Asheville, anunciou: «Caros ouvintes, tenho uma novidade que vai deixar os de cabelo liso com caracóis e os de caracóis com cabelo liso.»

Sentei-me na beira da cama e olhei para o rádio.

O Slim Rawlins anunciou, com uma voz animadíssima, que a Churrasqueira Joey's All-American, em Asheville, patrocinava um concurso de canções originais em família. Havia três faixas etárias: 11-14, 15-17 e 18 ou mais. Era possível inscrever duas canções.

Nem dava para acreditar. Mas havia mais.

As canções seriam avaliadas por verdadeiros cantores *country*.

Havia imensos prémios: quatro refeições grátis na Churrasqueira Joey's All-American. Um cheque-oferta de 25 dólares para a loja de roupa Calvin's Western Wear, em Weaverville. Um passe anual para o cinema Oakley Movie House, em Asheville. E um monte de outros prémios que eu nem fixei. Mas fixei, obviamente, o grande prémio para a minha faixa etária, dos 11 aos 14 anos.

A canção vencedora seria musicada pelos *Hayseed Pickers* e interpretada pela novíssima estrela *country*, Tesla Jane Daley.

Na rádio!

O prazo para as inscrições era 1 de agosto. Os vencedores seriam anunciados na rádio, no sábado, 10 de agosto, ao meio-dia.

Podíamos levantar o formulário de inscrição na Churrasqueira Joey's All-American.

Deixei-me cair para trás na cama e olhei para a palavra escrita no teto: SONHO. Será que podia entrar no concurso? Será que conseguia, mesmo no meu sonho mais louco, *ganhar* aquele concurso? O prazo terminava daí a menos de três semanas. Será que eu tinha alguma canção suficientemente boa para participar? Imaginei a novíssima estrela *country* Tesla

Jane Daley a cantar a minha canção na rádio. E esse pensamento fez-me esquecer completamente o meu amuo.

AMIZADE, MÚSICA E SEGREDOS, NUMA LEITURA IRRESISTÍVEL.

A Idalee vive numa casa antiga e pouco convencional, onde a mãe arrenda quartos a inquilinos tão estranhos quanto cativantes. Enquanto a mãe tenta ter sucesso como cantora, a Idalee escreve canções em segredo e sonha ouvi-las tocar na rádio.

Quando descobre que vai haver um concurso de composição musical, vê ali a sua grande oportunidade. Mas o caminho até ao sonho não é simples. Entre amizades improváveis, um «tesouro» inesperado, dúvidas constantes e decisões moralmente difíceis, a Idalee enfrenta o desafio de crescer e assumir as consequências das suas escolhas.

Sonho é uma história sensível e luminosa sobre criatividade, honestidade e amizade, que mostra que os verdadeiros sonhos também se medem pela integridade e a capacidade de sermos fiéis aos nossos princípios.

TAMBÉM VAIS
GOSTAR DE LER:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil



penguinlivros.pt



penguinkidspt



ISBN: 978-989-589-178-8



9 789895 891788